

NARRATIVAS DE VIDA: PESQUISA, FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Adriana Barroso de Azevedo

Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) e mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp)

E-mail: adriana.azevedo@metodista.br

RESUMEN

El ensayo presenta la investigación narrativa y sus fundamentos epistemológicos como propuesta alternativa para el trabajo del investigador en el campo de la educación, en diálogo con los principales autores que fundamentan los estudios autobiográficos y narrativos. La intención es proporcionar mejor comprensión de esa perspectiva tanto en la investigación cuanto en la docencia, una vez que el abordaje narrativo asume ese doble carácter, investigativo y formativo. Se parte de la noción de experiencia en Larrosa y Heidegger, buscando apoyo en los principios teóricos del abordaje biográfico y, fundamentalmente, en la investigación narrativa de Connelly y Clandinin. Se espera con el texto contribuir para dar mayor visibilidad al debate que envuelve las dos funciones del método biográfico y de la investigación narrativa, la investigación y la formación. Los estudios de narrativa componen un capítulo importante de las investigaciones sobre la comprensión como método, el tema más amplio a la luz del cual se abriga la conversación conducida en este ensayo.

Palabras clave: Comunicación, la comprensión como método, investigación narrativa, experiencia, educación.

RESUMO

O ensaio apresenta a pesquisa narrativa e seus fundamentos epistemológicos como proposta alternativa para o trabalho do pesquisador no campo da educação, em diálogo com os principais autores que fundamentam os estudos autobiográficos e narrativos. A intenção é proporcionar melhor compreensão dessa perspectiva tanto na pesquisa quanto na docência, uma vez que a abordagem narrativa assume esse duplo caráter, investigativo e formativo. Parte-se da noção de experiência em Larrosa e Heidegger, buscando apoio nos princípios teóricos da abordagem biográfica e, fundamentalmente, na pesquisa narrativa de Connelly e Clandinin. Espera-se com o texto contribuir

para dar maior visibilidade ao debate que envolve as duas funções do método biográfico e da pesquisa narrativa, a investigação e a formação. Os estudos de narrativa compõem um capítulo importante das pesquisas sobre a compreensão como método, o tema mais amplo à luz do qual se abriga a conversa conduzida neste ensaio.

Palavras chave: Comunicação, a compreensão como método, pesquisa narrativa, experiência, educação.

ABSTRACT

This essay presents narrative research and its epistemological fundamentals as an alternative proposal for education research in dialogue with the main authors that support studies in narrative and autobiography. Our intention is to offer a better understanding of such perspective in research as well as in teaching, since the narrative approach features this double vocation. Our proposal is based on Larrossa's and Heidegger's notions of experience, on the theoretical principles of the biographical approach and, fundamentally, in the narrative research of Connelly and Clandinin. With this text we expect to contribute for improving the visibility to the debate on the two purposes of the biographical method and narrative research, investigation and education. Narrative studies are an important part of researching comprehension as a method, the broader scope of the discussion present in this essay.

Keywords: Communication, comprehension as a method, narrative research, experience, education.

NARRATIVAS DE VIDA: PESQUISA, FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

A experiência das narrativas

Num cotidiano permeado por mensagens instantâneas, distribuídas abundantemente em redes sociais que compartilham *selfies* e outras inúmeras imagens reveladoras de intimidade, alegria abundante ou expressiva solidão e infelicidade, concordo plenamente com Jerome Bruner (1991, p. 23) quando ele afirma que “o eu é provavelmente a obra de arte mais impressionante que já produzimos, certamente a mais intrincada delas”, “a moeda corrente de nosso discurso: nenhuma conversa consegue ir adiante sem que ele seja despudoradamente utilizado”.

Escrevo enquanto alguém que está implicada em seu tempo histórico e, inspirada nas ideias de Edgar Morin, convencida de que está vivendo um momento excepcional. Estamos experimentando turbulências nas ideias e nas construções intelectuais, fusão de disciplinas, redistribuição dos domínios do saber e crescimento do sentimento profundo de incerteza (Morin, 2003).

De fato, o mundo contemporâneo passa por um processo de transformação social, econômica e política sem precedentes na história humana, lançando suas raízes, para além dessas dimensões, no plano das mentalidades e, sobretudo, da cultura em seu sentido lato. As muitas invenções e progressos que estão configurando o século XXI têm por vezes rebaixado o homem à categoria de objeto coisificado e estupidificado em suas relações com o próprio meio.

Ora, as narrativas, as histórias de si, as histórias de vida, as autobiografias ou biografias são preciosas, uma vez que têm o potencial de conectar cada um à sua experiência e à do outro, entrelaçando o pessoal e o coletivo, passado e presente. E a palavra concedida a cada um e a todos tem o poder de promover o protagonismo do vivido e também a reflexão a respeito. “Uma narrativa molda não apenas um mundo, mas as mentes que procuram lhe dar significado” (Bruner, 2014, p. 36).

Frente ao exposto, este ensaio problematiza a presença e a importância das narrativas nos contextos cotidianos de vida e de pesquisa, entendendo que esses dois espaços são indissociáveis. Busco, ainda, neste mesmo ensaio, explicitar as ideias que fundamentam aquilo que hoje pauta epistêmica e metodologicamente as pesquisas que desenvolvo, as minhas próprias e as de orientandos de mestrado e doutorado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo, onde atuo como docente permanente desde 2011.

O poder da narrativa de si

Bruner (1915-2016), citado linhas antes, é um dos autores que me inspiram

de forma reveladora nessa jornada em busca de um caminho mais viável e formativo para o desenvolvimento de pesquisas. Para ele, “a autoconstrução é, no fim das contas, o nosso principal meio para estabelecer nossa singularidade, e uma breve reflexão deixa claro que nós nos distinguimos dos outros comparando nossos relatos com os relatos que os outros ofereceram sobre si mesmos” (Bruner, 2014, p. 76).

Assim, o autor ensina que contar aos outros sobre nós mesmos não é algo simples, E adverte que “o eu também é o outro”. Saber de si é condição de possibilidade para se viver bem, e não sabemos quem somos senão quando nos narramos.

A narrativa de si, em suas diversas manifestações —orais, escritas, digitais—, conhece desde o fim dos anos 1970 uma popularidade que não é resultado apenas de uma euforia passageira. Seus efeitos podem ser observados nas ciências sociais, na mídia em geral, na literatura e também nas práticas de formação (Delory-Momberger, 2014, p. 33).

É nesse processo de fala que o indivíduo expõe a sua experiência e, a partir dela, reflete sobre a mesma, buscando compreender os caminhos que trilhou na sua construção pessoal e profissional. “Narrando sua vida, o indivíduo ordena, tematiza, interpreta os acontecimentos de sua existência segundo uma coerência de forma e de sentido” (Delory-Momberger, 2014, p. 337).

No ato de narrar-se sobressai o caráter processual da atividade biográfica, remetendo a todas as operações mentais, comportamentais e verbais pelas quais o indivíduo não cessa de inscrever sua experiência e sua ação em esquemas temporais orientados e finalizados. Nessa busca pela narrativa de experiências e de vivências, permite-se uma revisão do plural, do envolvimento do participante no mundo, respeitando sua singularidade (Josso, 2010).

Nesse sentido, Antonio Nóvoa e Mathias Finger (2010) defendem que “as histórias de vida constroem-se numa perspectiva retroativa (do presente para o passado) e procuram projetar-se no futuro; a formação deve ser entendida como uma tomada de consciência reflexiva (presente) de toda uma trajetória de vida percorrida no passado”.

Em sua potencialidade, como apontam Nóvoa e Finger (2010, p. 28), são duas as funções do método biográfico que as histórias de vida apresentam: a investigação e a formação. Estas, segundo os autores, constituem “dois eixos fundamentais de qualquer projeto de formação de formadores”.

Como afirma Marie-Christine Josso (2010), experimentamos durante a vida inúmeras vivências, transações que, no entanto, só atingem o *status* de experiência a partir do momento em que fazemos um trabalho reflexivo sobre o que se passou e o que foi observado, percebido, sentido.

“A reflexão biográfica permite, portanto, explorar em cada um de nós as emergências que dão acesso ao processo de descoberta e de busca ativa da realização do ser humano em potencialidades inesperadas” (Josso, 2010, p. 63). Um processo contínuo de “caminhar para si” (Josso, 2010).

Paul Ricoeur (1991) afirma que o material textual registrado, o registro de si, é uma obra aberta a diversas interpretações, dependendo da óptica e da bagagem teórico-experiencial de cada leitor. A textualização de experiências (ou o registro escrito de manifestações de um fenômeno da experiência humana) permite o desenvolvimento de uma atividade investigativa mediada que não apenas captura experiências vividas, mas que pode levar também pesquisador e pesquisado/s a retomá-las em sua versão mais original inúmeras vezes e refletir sobre elas, chegando potencialmente a outras interpretações e reinterpretações.

O milagre, para Ricoeur, está no fato de que “a experiência vivida, como vivida, permanece privada, mas o seu sentido, a sua significação, torna-se pública. A comunicação é, desse modo, a superação da radical não comunicabilidade da experiência vivida enquanto vivida” (Ricoeur, 1991, p. 28).

Para Ricoeur (1991), há uma relação complementar entre compreender e interpretar, tendo em conta a presença de fatores subjetivos e objetivos. A interpretação é parte de um processo infundável; ela não se esgota. O texto não é só o que ele significa, mas também aquilo em que se desdobra: é a vida do texto. Somos intérpretes, nosso modo de ser é intérprete; ao interpretar o que está diante de nós estamos interpretando a nós mesmos. O intérprete interfere no texto e o texto interfere no intérprete. Atuamos como intérpretes e estamos nessa contínua interpretação de nós mesmos.

A experiência e a história de si

Importante, porém, pensarmos que entre um acontecimento e sua significação intervém o processo de dar sentido ao que aconteceu ou ao que está acontecendo. A experiência, em meu entendimento, constitui-se nessa relação entre o que nos acontece e a significação que atribuímos ao que nos afetou. Isso se faz mediante o ato de dizer, de narrar, (re)interpretar as “vidas” (Bruner apud Passeggi, 2011).

O conceito de experiência, de acordo com sua origem indo-europeia, relaciona-se à ideia de travessia, passagem de percurso. Jorge Larrosa (2004) situa o significado da palavra em várias línguas e, numa síntese, diz que experiência é “aquilo que acontece e nos toca”.

Em Martin Heidegger citado por Larrosa (2004), o autor encontra outro aspecto fundamental da experiência, que é a capacidade de formação e transformação, enfatizando o quanto podemos ser transformados pelas experiências. Para Gaston

Pineau e Jean-Louis Le Grand (2012, p. 15), as histórias de vida se constituem como “busca e construção de sentido a partir de fatos temporais pessoais”, busca essa que “envolve um processo de expressão da experiência”.

De acordo com Larrosa (2002), o sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, ocasião. É uma abertura ao possível, impossível, ao surpreendente. Está ao lado da ação, da prática, da técnica; é escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade, vulnerabilidade, exposição.

Essa exposição do sujeito da experiência, ainda segundo Larrosa, supõe um movimento, algo que se passa na pessoa que vivencia suas palavras, ideias, representações, sentimentos, projetos, intenções, saber, poder e vontade. Daí a relação constituída entre a ideia de experiência e formação. Aquilo que é vivido e transmitido pelo narrador nos sensibiliza, alcança-nos, nos traz significados que atribuímos à experiência, assimilando-a de acordo com a nossa.

Dessa forma, no decorrer da pesquisa narrativa e em suas diversas etapas, que não serão trabalhadas neste ensaio, é fundamental que os participantes venham a compreender a experiência vivida, e isso significa compreender a si mesmo como agente e paciente de sua própria história.

Na direção da compreensão da importância da narrativa no “caminhar para si”, Franco Ferrarotti (2014, p. 53) afirma que “um homem nunca é um indivíduo; seria melhor chamá-lo um universal singular”: “totalizado” e, por isso mesmo, universalizado pela sua época, “totaliza-a” reproduzindo-se nela enquanto singularidade.

Na visão de Delory-Momberger (2014), o indivíduo é um ser social singular que, por meio de seus códigos e de toda sua complexidade no relacionamento com o outro, possibilita o acesso a um novo patamar de conhecimentos mediado pela experiência. Entretanto, é importante analisar a vivência do indivíduo em si em sua relevância para a questão da experiência ao longo do tempo. É uma marca indelével de registro do percurso. Essa temporalidade da experiência é única na existência do sujeito.

As narrativas das experiências

A pesquisa narrativa é considerada por Michael Connelly e Jean Clandinin (2011) tanto um método de investigação quanto o próprio fenômeno a ser investigado. Configura-se como método pelo fato de a narrativa ter a capacidade de transmitir significado, valor e intenção na medida em que nós, seres humanos, somos naturalmente contadores e personagens de nossas próprias histórias, das nossas experiências e das histórias dos demais. Ao contá-las, externamos como experimentamos o mundo e, ainda, o que nos dizem dele e de nós mesmos.

É nessa fala sobre si que sobressaem as questões que se buscam na pesquisa de campo. E no sentido em que determinado acontecimento é absorvido e retratado pelos participantes e pelo pesquisador, abrem-se novas fronteiras para a compreensão da atividade biográfica, não ficando ela restrita unicamente ao discurso apresentado durante uma entrevista ou a conversas no percurso da pesquisa da escuta ativa.

Os materiais utilizados no âmbito da pesquisa narrativa podem ser divididos em dois grandes grupos: materiais primários e materiais secundários. Os primeiros são constituídos por narrativas autobiográficas recolhidas diretamente por um pesquisador no quadro de uma interação face a face. Já os materiais secundários são os documentos biográficos de toda espécie que não foram utilizados por um pesquisador no quadro de uma relação primária, como correspondências, fotografias, narrativas e testemunhos escritos, documentos oficiais, jornais etc.

Connelly e Clandinin (2011, p. 73) destacam que essa capacidade de a pesquisa narrativa transmitir significados se deve ao fato de que seu processo de produção requer uma reconstrução da experiência de uma pessoa (ou de pessoas) em relação aos outros e ao ambiente social em que essa pessoa está inserida.

Passeggi (2011) defende que a denominação “narrativas autobiográficas” designa as mais diversas modalidades de textos —orais, escritos, audiovisuais— nos quais o sujeito toma a si mesmo como objeto de reflexão. Oportunizando desta forma as possibilidades dos meios digitais, as narrativas podem ser construídas, em processos de pesquisa, utilizando a multiplicidade de recursos que as plataformas virtuais disponibilizam. Nessa perspectiva, Bruner (2014, p. 94) afirma que narrar a si mesmo “é algo que acontece tanto de fora para dentro quanto de dentro para fora”.

O pesquisador, ao narrar os fatos por meio de sua percepção do sujeito em relação a si mesmo e aos outros no contexto investigado, integrando a essa narrativa a interpretação própria por meio das teorias assumidas, produz uma nova narrativa, uma nova percepção, um novo sentido.

Esta, com efeito, é a maior contribuição da pesquisa narrativa: apresentar uma nova percepção de sentido e relevância acerca do tópico de pesquisa, muito mais do que, propriamente, divulgar um conjunto de declarações teóricas (Connelly; Clandinin, 2011, p. 75).

O singular plural

Seguindo essa linha de raciocínio, é fundamental entender o que defende Ferrarotti (2014, p. 47) quando diz que “se nós somos, se todo o indivíduo é a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irredutível de uma práxis individual”.

Como docente, percebia que, para avançar nos meus estudos, pesquisas e reflexões sobre e na educação, era fundamental fazer uma escolha por um método de pesquisa, uma abordagem que me aproximasse das pessoas, que me permitisse melhor compreendê-las e que, ao mesmo tempo, pudesse devolver a estas (participantes das pesquisas) algo de bom, de positivo, algo potencialmente transformador em seu contexto.

Por meio do método biográfico e, por consequência, da pesquisa narrativa nos trabalhos de pesquisa e formação que desenvolvo, tenho fundamentado uma prática que permite que cada pessoa (participante) identifique na sua própria história de vida aquilo que foi realmente formador; e, no processo de mediação biográfica, viabilizado pelo campo e desenvolvimento da pesquisa, eu e os participantes das pesquisas temos aprendido a saber-fazer com o outro (heteroformação) e a saber-fazer sozinho (autoformação).

“A narrativa do outro é assim um dos lugares onde experimentamos nossa própria construção biográfica” (Delory-Momberger, 2008, p. 62). Para Delory, “a palavra do indivíduo, seu corpo, seu pensamento, estão impregnados da palavra, do corpo, do pensamento dos outros” (Delory-Momberger, 2014, p. 336). Por isso é tão importante narrar as experiências e compartilhar, escutar e, enquanto pesquisador, fazer a mediação. Os momentos coletivos na pesquisa narrativa e nos processos formativos são muito importantes.

A pesquisa narrativa é processo de aprendizagem para se pensar narrativamente; nessa direção, os participantes da pesquisa devem perceber as vidas enquanto vividas narrativamente.

Dessa forma, a formação de professores tem sido um dos domínios privilegiados de aplicação do método biográfico e da pesquisa narrativa. Pois, como podemos interferir na formação do outro se antes não conseguimos compreender a nossa própria formação e os processos que a permearam?

Ou seja, o método biográfico, por um lado, permite identificar as estratégias seguidas pelos formadores (uma categoria profissional que ainda não está institucionalizada) na sua própria dinâmica de formação e na aquisição de competências técnicas específicas à função que desempenham. Por outro lado, ela facilita a definição dos saberes e das formações mais necessárias para o exercício da função de formador.

Finalizando

A escrita autobiográfica materializada nas narrativas configura-se como um ato viabilizador da autorreflexão e invenção do eu, por meio de um mergulho na interioridade dos participantes e pesquisadores promovido pelas ações da pesquisa. Ninguém está imune aos atos e consequências dessa forma de fazer pesquisa.

A escrita de si, com a coleta das narrativas e o relato das práticas, revela experiências e processos formativos e traz vivências importantes para o interior da pesquisa em Educação. Essas vivências explicitam saberes, crenças, desafios, barreiras, mas também revelam motivações, compromissos, compreensão do significado social da ação docente, enfim, revelam abertura para o “poder-ser presença”, conforme sugere Heidegger (2009).

Minha experiência como pesquisadora e formadora tem sido renovada com o desenvolvimento de pesquisas alicerçadas na pesquisa narrativa e na concepção de educação como forma de intervenção no mundo. Percebo, como Ricoeur (1986), que a mediação da narrativa é constitutiva da reflexividade. É na construção de um enredo para a história que se dá forma à experiência, que ela adquire sentido e é ressignificada.

REFERÊNCIAS

- BRUNER, Jerome. 2014. *Fabricando histórias: direito, literatura, vida*. São Paulo: Letra e Voz.
- CONNELY, F. Michael.; CLANDININ, D. Jean. 2011. *Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. Uberlândia: EDUFU.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. 2008. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. São Paulo: Paulus; Natal: EDUFRN. (Coleção Pesquisa (Auto) Biográfica-Educação).
- DELORY-MOMBERGER, Christine. 2014. *As histórias de vida: da invenção de si ao projeto de formação*. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Brasília: EDUNEB.
- FERRAROTTI, Franco. 2010. Sobre a autonomia do método biográfico. En: NÓVOA, Antonio; FINGER, Mathis (Orgs.). *O método (auto) biográfico e a formação*. Natal, RN: EDUFRN.
- FERRAROTTI, Franco. 2014. *História e histórias de vida: o método biográfico nas ciências sociais*. Natal, RN: EDUFRN.
- HEIDEGGER, Martin. 2009. *Ser e tempo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes.
- JOSSO, Marie Christine. 2010. *Experiências de vida e formação*. 2. ed. rev. e ampl. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus.

- LARROSA, Jorge. 2002. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28.
- LARROSA, Jorge. 2004. *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica.
- MORIN, Edgar. 2003. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- NÓVOA, Antonio; FINGER, Mathias. (Orgs). 2010. *O método (auto)biográfico e a formação*. São Paulo: Paulus; Natal: EDUFRN.
- PASSEGGI, Conceição. 2011. A experiência em formação. *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8697>>. [consultado el 5 nov. 2018].
- PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. 2012. *As histórias de vida*. Natal, RN: EDUFRN.
- RICOEUR, Paul. 1991. *O si-mesmo como um outro*. Trad. Lucy Moreira César. Campinas, SP: Papirus.